

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

PROCEDIMENTOS DE TERROR NO CONTO *A MÃO DO MACACO* (JACOBS W. W.)

ISABELLA PINHO BALDOINO PRATES¹; CÍNTIA MARTINS SANCHES²

¹ Estudante do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio do IFSP *Campus* Ilha Solteira, Bolsista PIBIC-EM CNPq, i.pinho@aluno.ifsp.edu.br.

² Doutora e Mestre em Estudos Literários pela UNESP/ FCLAr; Graduada em Letras pela UNESP/ IBILCE e FCLAr, Professora de Português/ Inglês do IFSP Câmpus Avançado Ilha Solteira, cintia.martins@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.08.00-2 Literaturas Estrangeiras Modernas

RESUMO: A pesquisa apresentada tem como objetivo principal identificar e analisar os procedimentos literários de terror presentes no conto *A Mão do Macaco*, escrito por Jacobs W. W. Dentre os procedimentos que abordados ao longo do artigo, destacam-se a adição de detalhes para a construção e desenvolvimento do suspense, o narrador seletivo, o monstro atrás da porta e o uso do som. Tais metodologias visam à construção de um ambiente sinistro e de suspense para o texto, tornando-o efetivo em seu objetivo de entreter, ambientar e horrorizar quem o lê. Será discutida a maneira como o autor se apropriou desses artifícios para o aprimoramento de sua obra e, para isso, serão utilizadas fontes literárias e teorias de literatura fantástica e de horror.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias; narrador seletivo; som; suspense; monstro atrás da porta.

HORROR PROCEDURES IN THE SHORT STORY *THE MONKEY'S PAW* (JACOBS W. W.)

ABSTRACT: The main objective of the present research is to identify and analyze the literary horror procedures present in the short story “The Monkey’s Paw”. Among the procedures that covered throughout the article, we highlight the addition of details for the construction and development of the suspense, the selective narrator, the monster behind the door and the use of sound. Such methodologies aim to build a sinister and suspenseful environment for the text, making it effective in its objective of entertaining, ambiance and horrifying those who read it. We will discuss how the author took advantage of these devices to improve his work and, to achieve this goal, literary quotes and theories from fantasy and horror literature will be used.

KEYWORDS: Strategies; selective narrator; sound; suspense; monster behind the door.

INTRODUÇÃO

A *Mão do Macaco*, conto escrito por Jacobs W.W. em 1902, foi e é considerado ainda nos dias de hoje um clássico da literatura de terror, principalmente por sua maneira envolvente de prender o leitor na trama, revelando o horror na obra aos poucos e por meio de detalhes. Nossa pesquisa tem como objetivo analisar e constatar os métodos utilizados pelo autor para conseguir transmitir a atmosfera de suspense e terror que o texto carrega, tornando-o assim efetivo em seu propósito de causar medo e entreter a quem o lê.

A literatura de terror utiliza elementos linguísticos para produzir efeitos como suspense, medo, repulsa, sempre em busca de imagens impactantes de elementos inesperados, para causar surpresa e espanto. A análise aqui proposta buscará mostrar como os efeitos obtidos são construídos dentro da narrativa, ou seja, como as ideias, as imagens literárias, os jogos de palavras são trabalhados para se chegar ao objetivo de gerar sensação de horror. Para Stephen King, no livro “Dança macabra”, “[...] inventamos horrores para nos ajudar a suportar os horrores verdadeiros. Contando com a infinita

criatividade do ser humano, nos apoderamos dos elementos mais polêmicos e destrutivos e tentamos transformá-los em ferramentas para dismantelar esses mesmos mecanismos” (KING, 1981, p. 21).

MATERIAL E MÉTODOS

De acordo com Edgar Allan Poe (1846),

Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que se pareça com totalidade é imediatamente destruído (POE, 1846, p. 3).

Assim, as estratégias de terror são, no caso da obra a ser estudada, aplicadas a uma narrativa curta, o que traz intensidade à experiência de leitura. Conforme explica Poe (2016, p. 4):

O romance comum é problemático por sua extensão. [...] Como não pode ser lido todo de uma vez, [...] Os interesses do mundo que intervêm durante as pausas da leitura modificam, desviam, anulam, em maior ou menor grau, as impressões do livro. [...] No conto breve, no entanto, o autor pode levar a cabo a totalidade de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora de leitura, a alma do leitor está nas mãos do escritor. Não há influências externas ou extrínsecas, produzidas pelo cansaço ou pela interrupção.

Para melhor discorrer sobre o fazer literário do conto que constitui o *corpus* deste estudo, há de se levar em consideração um resumo do enredo, a saber: o conto narra a trama de um casal de idosos e seu filho que se distraíam em casa, próximos à lareira, quando recebem a visita de um sargento aposentado, antigo amigo da família, em seu casarão. Acolhem calorosamente o convidado e logo se desdobra uma conversa. No meio dela, o militar acaba mencionando e mostrando aos outros um antigo artefato que trazia consigo: uma mão de macaco mumificada. Ele então explica que quem portasse o artefato poderia realizar três desejos, porém alertou que com isso, também vinha um preço a pagar. Os moradores da casa ficam intrigados, mas se importam com a integridade do amuleto quando o soldado aponta que o último pedido do antigo dono do artefato foi a morte e, logo após, joga-o no fogo. Mesmo ciente do alerta do amigo, o dono da residência insiste em ficar com o item.

Ainda naquela noite, após o jantar, o pai decidiu pedir 200 libras ao amuleto, para poder pagar a hipoteca da casa, assustando-se em seguida, ao sentir a mão do macaco se mover em volta da sua após o desejo. O próximo dia correu normalmente até um tempo depois de o filho do casal ter saído para trabalhar, quando a casa recebe outra visita, dessa vez, um funcionário da empresa onde o jovem homem trabalhava, carregando consigo uma notícia triste e uma quantia em dinheiro: naquela manhã o filho do casal havia se acidentado no maquinário, e a empresa mandara junto ao funcionário uma indenização de 200 libras ao casal.

Após muita angústia, à noite, a mãe tem a ideia de pedir ao marido que faça seu segundo pedido: trazer de volta o recém-falecido ente querido. Relutantemente, o homem aceita e realiza o pedido da mulher, com certo mau pressentimento sobre sua ação. Algumas horas se passam e, subitamente, o casal passa a ouvir batidas desumanas e extremamente fortes na porta da frente. A mulher, ansiando por ver o filho novamente, corre para o andar de baixo a fim de atender à porta, enquanto seu marido em completa agonia procura pela mão do macaco, tentando desesperadamente fazer seu último pedido. Com dificuldade, o marido consegue realizar sua tarefa, deixando a mulher desapontada ao não encontrar nada, além da brisa fria da madrugada do outro lado da porta quando finalmente a abre.

Os procedimentos de terror na literatura consistem em métodos de narração que têm o objetivo de causar desconforto, inquietação e até medo no leitor. Entre os procedimentos encontrados no texto analisado por este artigo, destacam-se: a adição de detalhes para a construção e desenvolvimento do suspense, o narrador seletivo, o monstro atrás da porta e o som. Todos estes têm como finalidade comum a criação da atmosfera de suspense e a imersão do leitor no texto, por meio da manipulação do ritmo narrativo e do detalhamento da narração. Segundo Carroll (1999):

Imaginemos uma experiência psicológica na qual o que está sendo testado são nossas respostas emocionais à descrição de certos tipos de situação. Contam-nos histórias e perguntam-nos como nos sentimos em relação a elas. Não nos dizem se as histórias são verdadeiras ou falsas. Não temos nenhuma crença de existência num ou noutro sentido. Parece perfeitamente plausível que possamos responder a uma das histórias dizendo que ela nos toca por ser muito triste e depois perguntemos ao psicólogo se era verdadeira

ou inventada. Também não acho que, nessas circunstâncias, vamos pedir para alterar nossa opinião se soubermos que a história era inventada (CARROLL, 1999, p.115).

A partir dessa ideia, podemos observar que diferentes aspectos e técnicas aplicadas na criação de uma história podem causar diferentes reações em seu leitor. Introduzidos o uso desses procedimentos literários de terror e a implicação a partir do gênero em que eles se inserem no presente estudo, passa-se a discorrer sobre as escolhas realizadas por W. W. Jacobs no desenvolvimento de seu texto e seus respectivos efeitos de sentido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Adição de detalhes para a construção e desenvolvimento do suspense

Para analisar este procedimento, devemos estabelecer o conceito de gradação, que denota uma figura de linguagem cuja intenção é enfatizar um ritmo crescente de acontecimentos que culminam no clímax do texto. Dito isso, os detalhes adicionados pelo autor ao decorrer do conto acabam por intensificar os efeitos de suspense na obra, tornando-a assim mais intrigante. Trata-se de pequenos eventos que dão dicas ao leitor de que “algo não está certo”. Podemos ver como exemplo o seguinte trecho: “A primeira pessoa teve os três desejos atendidos, sim. Não sei quais eram os dois primeiros, mas o terceiro era a morte. Foi desse modo que consegui a mão do macaco” (2005, p. 16). O sargento alerta a família sobre o ocorrido com a primeira pessoa que teve os desejos concedidos pelo objeto, sendo o último deles a morte, o que leva o leitor à indagação: “O que deu de tão errado com os outros dois desejos para no último a pessoa escolher a morte?”. Em seguida, lê-se: “O sargento tomou a mão do macaco, balançou-a entre os dedos polegar. Subitamente, jogou-a às chamas que crepitavam na lareira. White, com um leve grito, curvou-se e arrancou-a do fogo. *"Melhor deixá-la queimar"*, disse o soldado em tom solene.” (2005, p. 16 - 17).

Nesses trechos, que ocorrem no início do texto, o soldado – atual portador da mão do macaco – joga o artefato no fogo da lareira, indicando que, por mais que parecesse, esse objeto não era bom, porém, sem justificar sua ação. Aqui, o leitor já começa a juntar argumentos para desconfiar – e discordar – das escolhas que os personagens vão fazendo no decorrer da narrativa.

Em outro excerto, há as seguintes falas do pai, logo que ele faz o primeiro pedido: “Ela se moveu”, exclamou, olhando com asco para o objeto que deixara cair no chão”; “Quando fiz o pedido, ela se contorceu na minha mão como uma cobra” (2005, p.18). Aqui, o personagem sente a mão mumificada remexer-se em torno da sua, dando mais um indício de que algo estaria fora do comum. Acontecimentos como esses criam no leitor uma crescente sensação de que algo ruim eventualmente acontecerá, o que culmina em certa ansiedade e curiosidade que prendem o leitor ao enredo, proporcionando-o emoções, ao mesmo tempo em que mantém seu foco e interesse até o final da obra. Esses detalhes contrastam o tempo todo com a descrença e com a curiosidade dos familiares a respeito da eficácia desse poder mágico, o que causa um primeiro conflito dentro da narrativa.

Narrador seletivo

Susan Stewart, em sua “Epistemologia da história de terror” (1982, p. 43), afirma que a manipulação da forma de narrar, na qual inclui-se ponto de vista e escolha semântica, estabelece o passo e o ritmo da jornada percorrida pelo leitor até o final da história. E é por isso que, no estudo que aqui se propõe, o narrador onisciente tem destaque: ele é quem seleciona a que imagens e a que informações o leitor terá acesso e quando e como elas serão descobertas dentro da narrativa. Isso muda toda a percepção da história por parte dos receptores.

O narrador onisciente seletivo narra na terceira pessoa e tem conhecimento sobre todos os fatos, incluindo as emoções e os pensamentos das personagens. Sua seletividade, no entanto, dá a possibilidade ao narrador de controlar de quais dessas ocorrências o leitor terá ciência e em quais momentos do texto isso se efetivará. Assim, um leque de possibilidades se abre ao escritor, que pode utilizar essa característica narrativa para produzir determinado efeito em seu texto, como, no caso do conto que estamos analisando, o suspense. É possível observar na própria história, em sua reta final, como o autor faz uso de tal artifício para limitar a visão - e, conseqüentemente, a compreensão dos fatos - do leitor ao quarto do casal, fazendo com que o que se ouve de determinado ponto da casa seja a única fonte de informações sobre o que acontece nos demais cômodos – o procedimento do som será tratado mais detalhadamente adiante nesta

análise. Aqui está um exemplo de como o procedimento do narrador seletivo é utilizado no texto, no penúltimo parágrafo:

“O ferrolho”, ela gritou. “Desça, não consigo alcançá-lo”.

Mas o marido estava de joelhos, as mãos apoiadas no chão, procurando, desesperado, a mão do macaco. Se ao menos pudesse achá-la antes de aquela coisa lá fora entrar. Uma saraivada de batidas ecoou pela casa e ele ouviu a cadeira ser arrastada; era a mulher aproximando a da porta. Ouviu o ferrolho correndo devagar, e nesse instante achou a mão do macaco. Freneticamente expressou seu terceiro e último desejo (2005, p. 24).

Em *A Mão do Macaco*, o narrador limita a descrição dos acontecimentos ao interior da residência, nunca chegando a revelar nada que aconteça fora dela, a não ser que a notícia chegue até lá. Um bom exemplo disso é quando o filho do casal acaba por falecer em um acidente de trabalho: tanto as personagens quanto o leitor apenas passam a ter ciência do ocorrido depois que um funcionário da fábrica onde o finado trabalhava entra na casa para relatar a ocorrência e entregar uma certa quantia como indenização aos pais. E até a própria mão do macaco só chega em suas vidas porque alguém adentrou a casa portanto o artefato e o deixou ali.

Como observado por Stephen King (1981, p.33), “em *A Pata do Macaco*, nunca nos é permitido ver o que está atrás da porta...”. No conto analisado, nunca é apresentado o que há do outro lado da porta, justamente porque o narrador restringe o conhecimento do leitor ao cômodo onde se encontra o marido, permitindo assim ao autor revelar alguns fatos e ocultar outros, intensificando o efeito de suspense causado pela cena.

O efeito produzido pela seletividade de informações expostas é de constante incerteza e suspeita do leitor sobre o que de fato está acontecendo fora do raio em que o narrador delimita sua compreensão. Tal efeito é bastante proveitoso quando a intenção de quem escreve é criar um texto de terror ou suspense, principalmente no clímax da história como no caso de *A Mão do Macaco*, nos seus últimos parágrafos.

Monstro atrás da porta

Muitos cineastas acreditam que não mostrar o monstro é mais eficiente do que exibi-lo, como forma de ampliar a tensão e a inquietude da plateia. A lógica dessa decisão narrativa é bastante simples: [Se os personagens e o público não podem ver o monstro,] ele pode estar em qualquer lugar, e consequentemente você está vulnerável a um ataque a qualquer momento; uma vez que eles estejam à vista, você [o personagem] pode se proteger de forma mais efetiva e então se engajar na tarefa de matá-lo (HUTCHINGS, 2004, p. 131).

É bastante recorrente em obras de terror ou suspense que o monstro não seja mostrado ou descrito desde o início, fomentando assim a imaginação dos receptores quanto à aparência, à capacidade ou à intenção dele quanto às personagens da história, muitas vezes mantendo uma porta fechada ou entreaberta. No conto de Jacobs W. W.,

[...] É a desagradável especulação que vem à mente quando começam as batidas na porta, na história de *A Pata do Macaco*, e a velha triste e adoentada corre para atendê-la. Não há nada além do vento quando ela finalmente abre a porta... mas nossa mente especula o que poderia ter estado lá se seu marido tivesse demorado um pouco mais para fazer aquele terceiro pedido? (KING, 1981, p.30).

Com isso, um exercício mental é proposto ao leitor e uma série de dúvidas surgem em sua mente no decorrer das linhas: “O que está atrás da porta?”, “O que poderia acontecer se o marido não tivesse feito o terceiro pedido a tempo?” ou “Como seria a aparência aquela criatura?”, “Qual seria seu grau de periculosidade?”, criando assim certa expectativa do leitor com relação ao monstro.

Para King (1981, p. 31), “Em *A pata do macaco* a imaginação é estimulada por si só. O leitor faz o trabalho sozinho. [...]”. A aparência do monstro não é especificada em nenhum momento pelo autor, passando a missão de imaginar tal aparência para as mãos leitor, que acaba por ter uma interpretação pessoal de como a criatura se parece. Porém, ao final do texto, toda a expectativa criada até agora é brutalmente quebrada pelo fato de que, quando a mãe finalmente abre a porta, nada além do vento se faz presente do outro lado, o marido havia conseguido fazer seu último pedido. No entanto, as dúvidas continuam presentes na mente do leitor, que é deixado sem resposta propositalmente pelo autor.

Este procedimento acontece principalmente nos últimos parágrafos da obra, quando o clímax é instalado pela situação de desespero em que o pai se encontra: após fazer o pedido para que seu filho

retornasse à vida, batidas extremamente altas e fortes são ouvidas na porta, no andar de baixo. A esposa vai às pressas atender, enquanto o marido tenta seu máximo para encontrar a mão do macaco e desfazer seu pedido anterior, pressentindo que o que estava atrás da porta não era seu filho e tampouco os queria bem.

Som

O recurso do som é bastante utilizado durante o texto em diversos momentos. Em destaque está o clímax da história no qual, sem esse artifício, não seria possível que o público compreendesse com êxito a situação proposta pela trama. Apesar de estarmos falando de um texto literário e não de um filme, ainda assim é possível trabalhar com o som porque, assim como no cinema, na literatura ele também chega aos ouvidos do leitor, só que de modo diferente: a partir do vocabulário e a partir da vivência dos personagens na trama. Sobre o uso do som nas telonas: o “cinema de horror oferece muitas oportunidades de uso do som fora de quadro que chamam a atenção para si e levantam questões – O que é isto? O que está acontecendo? – cujas respostas permanecem fora do quadro, e que incitam a câmera a ir até lá descobrir” (CHION, 1994, p. 85).

“São os sons fora de quadro ativos, para usar o vocabulário proposto por Chion: portas rangendo, janelas batendo, grunhidos de animais e gritos de pavor estão entre os sons fora de quadro mais comumente utilizados em filmes de horror” (CARRERO, 1976, p. 47). Na literatura ou, mais precisamente, no conto em questão, podemos relacionar o enquadramento citado por Rodrigo Carreiro com a seletividade do narrador do texto, que delimita o conhecimento e as descrições que o leitor recebe sobre os demais cômodos apenas aos sons produzidos neles, levando à incerteza e à insegurança sobre o que se passa ali. Além disso, o uso do som nessa situação é essencial para o entendimento do público quanto à cena, já que, a partir da escolha do próprio autor, esse se torna o único recurso disponível para evidenciar os acontecimentos. Este artifício é um elemento crucial para a ambientação e para a criação da expectativa do leitor sobre os eventos que possivelmente virão a ocorrer ao longo do desfecho da história. Tal utilização do procedimento literário pode ser observada nas seguintes passagens do texto:

“[...]Uma batida mais forte tornou a ressoar pela casa.[...]

Ouviu-se outra batida, e mais outra. [...] Ele ouviu a corrente da porta ser retirada e a chave girando com dificuldade na fechadura. Depois, a voz da velha, tensa e arquejante. [...] Uma saraivada de batidas ecoou pela casa e ele ouviu a cadeira ser arrastada; era a mulher aproximando-a da porta. Ouviu o ferrolho correndo devagar, [...]

As batidas cessaram de súbito, embora o eco ainda ressoasse pela casa. Ouviu a cadeira ser afastada e a porta abrir-se. [...] e o longo e alto gemido de desapontamento e angústia da mulher deu-lhe coragem para descer correndo até a porta [...]” (2005, p. 23-24).

Essas aplicações, somadas à tensão gerada pelo desespero do próprio pai, culminam no leitor, levantando as questões propostas por Chion. Há uma confusão inquietante que escala rapidamente e que assombra o leitor até a última palavra do conto, porém, tudo isso sem descrever propriamente a situação que ocorre fora da área conhecida pelo leitor, tendo ele como única fonte de informação o som/ a descrição do som, o que intensifica a expectativa criada, para que, em seguida, ela seja totalmente quebrada pela ausência de alguém atrás da porta quando ela é finalmente aberta.

CONCLUSÕES

Ao analisarmos os procedimentos utilizados por W.W. Jacobs, em seu conto, que se tornou referência em literaturas de terror, podemos constatar as técnicas de escrita que fazem com que o texto alcance seu propósito. O terror crescente, o detalhamento das situações, as descrições por meio apenas do som e a seletividade do narrador trazem constante apreensão ao leitor.

“[...] É a desagradável especulação que vem à mente quando começam as batidas na porta, na história de *A Pata do Macaco*, e a velha triste e adoentada corre para atendê-la. Não há nada além do vento quando ela finalmente abre a porta... mas nossa mente especula o que poderia ter estado lá se seu marido tivesse demorado um pouco mais para fazer aquele terceiro pedido?” (KING, 1981, p. 30).

Apesar da simplicidade proposta pelo enredo, *A Mão do Macaco* se faz muito eficaz em assustar seus leitores, pois é a mente deles próprios que imagina o que o autor deixa propositalmente em aberto. Perguntas surgem na cabeça do leitor assim que a última palavra é lida, porém, nenhuma delas é diretamente respondida, cabe à interpretação de cada um.

A Mão do Macaco permanece como um clássico da literatura de terror, tornando-se referencial valioso para diversas outras obras. Este estudo tem o fito de explorar a metodologia escondida nas entrelinhas do conto e destacar sua importância na produção de um texto que cumpra sua função de causar medo.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Cíntia Martins Sanches foi a orientadora e Isabella Pinho Balduino Prates atuou como bolsista/orientanda de iniciação científica do Ensino Médio. Isabella Pinho Balduino Prates e Cíntia Martins Sanches realizaram pesquisas, leituras, fichamentos e reuniões de discussão sobre o conto e sobre os procedimentos de terror nele encontrados. Cíntia Martins Sanches fez uma seleção de estratégias a serem destacadas; Isabella Pinho Balduino Prates escreveu o texto inicial sobre cada procedimento e as duas autoras fizeram juntas acréscimos e as alterações no corpo da análise para chegar até a redação final. Cíntia Martins Sanches formatou o trabalho no formato solicitado pelo CONICT. As duas autoras contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Ao PIBIC-EM – CNPq, pelo financiamento da pesquisa, por meio do Edital 214/2023, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica voltadas aos alunos do Ensino Médio.

Ao IFSP, pela oportunidade de dedicação à pesquisa e pela parceria com o CNPq para que oportunidades de iniciação científica sejam concedidas a estudantes de Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

CARREIRO, Rodrigo. Sobre o som no cinema de horror: padrões recorrentes de estilo. In: *Ciberlegenda*. 2011.

CARROLL, Noël. *A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração*. Campinas: Editora Papirus, 1999.

CHION, Michel. *Audio-vision: Sound on Screen*. New York: Columbia University Press, 1994.

HUTCHINGS, Peter. *The Horror Film*. Edinburgh: Pearson Education Limited, 2004.

JACOBS, W. W. A mão do macaco. In: *Contos de horror do século XIX*. Tradução de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KING, Stephen. *Dança macabra*. São Paulo: Suma de Letras, 1981.

POE, E. A. *Resenha de Edgar Allan Poe sobre Twice-told tales, de Nathanael Hawthorne*. Tradução de Charles Kiefer. In: *Bestiário*, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3714997/mod_resource/content/3/Poe%20-%20Resenha%20de%20Hawthorne.pdf.

POE, E. A. *Filosofia da Composição*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544953/mod_resource/content/1/Poe.pdf. Acesso em 25/07/2022.

STEWART, Susan. The Epistemology of the Horror. *The Journal of American Folklore*, vol. 95, nº 375, 1982, pp. 33-50.